



ARTIGOS

- Um depoimento sobre a vida nos primórdios de Brasília - ¹

- *Original em francês, versão para o português por Aluísio Paiva*

Seminário: **“Regards sur Brasília – Olhares sobre Brasília”** - Maison de l’Amérique Latine – Paris, 19 de Janeiro de 2015

¹ O original deste texto “C’est quoi cette ville: un rêve ou un mythe?”, em francês, foi elaborado para apresentação no Seminário “Regards sur Brasília – Olhares sobre Brasília” realizado na Maison d’Amérique Latine, em Paris, no dia 19 de janeiro de 2015. O original em francês foi revisado por Michel Hospital, diretor da Aliança Francesa em Brasília, nos anos setenta. A tradução em português é de Aluísio Paiva.

BRASÍLIA, O QUE É ESTA CIDADE: UM SONHO OU UM MITO?
Marco Antonio Rodrigues Dias | Professor aposentado da UnB e ex-diretor da Divisão do Ensino Superior da UNESCO, em Paris (1981-1999)

INTRODUÇÃO

Para falar de Brasília na Maison d'Amérique latine, em Paris, os organizadores do seminário "Regards sur Brasília" queriam ouvir alguém que tivesse vivido na capital brasileira inaugurada em 1962, em seus primeiros anos de existência. Na ausência de melhor opção, recorreram a mim, não sem antes me advertirem de que não desejavam em absoluto um estudo sociológico repleto de números e de dados estatísticos. Tratava-se, deixaram claro, de dizer se Brasília era um mito ou uma realidade e de contar como viviam os primeiros habitantes desta capital inaugurada no dia 21 de abril de 1960.

Para começo de conversa, devo dizer que tive o privilégio de conhecer pessoalmente os criadores de Brasília, em primeiro lugar o Presidente Kubitschek, quando era jornalista em Minas Gerais no início dos anos sessenta e, mais tarde, o urbanista Lúcio Costa e o arquiteto Oscar Niemayer, na UNESCO, em Paris, onde fui diretor da Divisão do Ensino Superior, de outubro de 1981 a fevereiro de 1999.

Um dia, nos anos oitenta, tive, inclusive, a honra de receber Niemayer em meu escritório. Na véspera deste encontro, indaguei de meu superior imediato, o sub-diretor geral de educação se ele estaria disponível, no dia seguinte, para receber uma importante personalidade brasileira. O personagem em questão é, até hoje, considerado por muitos um dos melhores senão o melhor sub-diretor geral de que dispôs a organização durante toda sua

história. Estava sempre muito ocupado e, em consequência, o acesso a ele não era tão fácil.

Desconfiado, o sub-diretor geral me perguntou: "uma personalidade brasileira, está bem, mas trata-se de quem? Quando o soviético armênio, Sema Tanguiane, ouviu o nome de Oscar Niemayer, sua face se iluminou, abriu um largo sorriso e exclamou surpreso e alegre: "Mas é um prêmio Lenine da Paz!". No dia seguinte, em lugar de esperar por Niemayer em seu escritório, ele veio à minha sala para conhecer o arquiteto de Brasília, porém mais que isto o prêmio Lenine da Paz.

Cheguei a Brasília, em minha primeira estadia nesta cidade, pouco tempo após sua criação. Jovem jornalista em Belo Horizonte, 24 anos de idade, tinha sido convidado, em 1963, pelo ministro Paulo de Tarso Santos, um democrata-cristão de esquerda, para ser seu assessor parlamentar, encarregado dos vínculos entre o Ministério e o parlamento. Paulo de Tarso queria revolucionar o sistema educacional brasileiro e reuniu uma equipe dinâmica da qual faziam parte, entre outros, os educadores Paulo Freire e Lauro de Oliveira Lima, e personalidades como Herbert José de Souza (Betinho), Roberto Freire (o teatrólogo e psicanalista, não o político...), Luis Alberto Gomes de Sousa, Ferreira Goulart, Lauro Bueno de Azevedo,

Ney Paiva Chaves e outros. Paulo Freire era o sábio do grupo. Diretor de serviços de extensão² da Universidade Federal de Pernambuco, no Nordeste do Brasil, fora convidado por Paulo de Tarso para vir a Brasília presidir uma campanha nacional de alfabetização.

Os analfabetos constituíam grande parte da população brasileira naquela época. Não dispunham de direito de voto. Os grupos que se opunham ao Presidente João Goulart consideravam que a utilização do método Paulo Freire poderia servir para multiplicar os eleitores de esquerda, favoráveis às reformas de base, o grande tema político do início da década de sessenta. A oposição conservadora e a imprensa atacaram violentamente o ministro e sua equipe (“O Globo” falava dos “meninos” do Ministro da educação). Nossa tarefa não era fácil. Do ponto de vista pessoal, aquela situação me permitiu desenvolver contactos com personalidades que viriam a exercer, nas décadas seguintes, papéis importantes no desenvolvimento político do país. Era o caso, por exemplo, de Darcy Ribeiro, José Sarney, José Aparecido de Oliveira, Rubens Paiva, Neiva Moreira, Ney Braga e muitos outros).

O uso do método Paulo Freire e a transformação política que ele poderia provocar serviram de pretexto para uma enorme mobilização contra o governo Goulart, acusado, então, de tentar implantar um regime comunista no país através da renovação do eleitorado. A semelhança de 1963/1964 com o que ocorreu no Brasil após a reeleição de Dilma Roussef é impressionante. Inexperiente, sem me dar conta, tinha sido lançado no epicentro de uma crise política que iria resultar no golpe de estado de 1964, o qual interrompeu, brutalmente, os sonhos de toda uma geração voltada para a construção de um mundo melhor.

Era um mundo novo o que se elaborava na Universidade de Brasília criada em 1962 por Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, Frei Mateus Rocha e tantos outros. Esta instituição, ao lançar seus programas, rompeu com a tradição acadêmica da época, simplesmente porque não buscava formatar consumidores, mas sim formar cidadãos. Isso fazia parte dos sonhos que foram estilhaçados em 1964.

Mas retomemos o fio da meada! Estou claramente me afastando do tema que me deram para desenvolver neste encontro...

2 Desde a Reforma de Córdoba, Argentina, em 1918, as atividades de extensão foram incorporadas às funções essenciais das universidades juntamente com as atividades de ensino e de pesquisa. Elas se constituem pelas ações que dizem respeito aos vínculos com a sociedade e à responsabilidade social das instituições de ensino superior.

UM SONHO?

Já na década dos 70, quando me perguntavam, dentro ou fora do Brasil, como era a vida em Brasília, sempre respondia que era um sonho e acrescentava que, para alguém que tivesse um bom emprego e um salário razoável –o que era o meu caso e também o de minha esposa- e que vivesse no Plano Piloto, a vida na nova capital brasileira podia ser considerada um paraíso. Os críticos da cidade diziam, ao contrário, que a decisão de se construir esta cidade tinha sido um erro, porque teria provocado uma inflação sem controle e estimulado uma corrupção em grande escala. Acrescentavam que viver em Brasília em condições normais, era impensável e que “homo brasiliensis”, o ser humano de Brasília, era composto de cabeça, tronco e quatro rodas.

A cidade foi planejada para acomodar um máximo de 500 mil habitantes ao final do século XX. Em 2000, já havia ultrapassado a casa dos 2 milhões, hoje são mais de 3 milhões, mas atenção: no Plano Piloto, onde o sonho é sempre possível, residem apenas cerca de 300 mil habitantes!.. O tráfego era muito fácil. O transporte público era pobre, mas o sistema de caronas entre amigos, o que os franceses hoje chamam de “covoiturage”, fazia-se tranquilamente, pois os funcionários públicos proprietários de um automóvel eram numerosos e havia grande solidariedade entre os moradores da nova cidade que sentiam estar participando da construção de algo grandioso para o país. Os ministérios tinham ônibus especiais que transporta-

vam os funcionários, pela manhã e ao final da tarde, servindo os eixos principais do aglomerado urbano e as primeiras cidades satélites como Taguatinga e Gama. Este sistema deveria permitir a todos, em princípio e ao contrário do que se passava nas demais grandes cidades do país, viver intensamente a vida familiar e aos pais de ver crescerem seus filhos. A psicologia de botequim imediatamente concluiu que proximidade em grande escala despertava as contradições e diferenças entre os elementos de cada casal e podia ser destruidora para a estabilidade do casamento...Constatou-se logo que era grande o número de separações entre casais que se transferiam para Brasília.

Para um grande número de funcionários, incluindo entre eles os professores universitários, o acesso à propriedade era relativamente fácil. Quando cheguei em Brasília, em março de 1970, com um mês de salário, poderia ter comprado dois lotes de 800 metros quadrados cada um, na Península do Norte, hoje um dos pontos mais valorizados da cidade, na época quase desabitada. Em 1972, com um montante equivalente a dois meses de meu salário, comprei nesta parte da cidade um lote a fim de construir uma casa. Creio que, hoje, um professor universitário que disponha apenas de seu salário de professor, não terá condição alguma de comprar um terreno nesta área de Brasília.

Finalmente, se alguém quer transmitir uma ideia do que era viver em Brasília, não poderá esquecer o pôr do sol, deslumbrante em todas as épocas do ano; nem a sensação de espaço que se tinha quando se vivia no Plano Piloto em quadras construídas numa escala humana; o fato de que não se levar mais mais de quinze minutos para se ir do escritório para a residência, seja qual fosse o horário do deslocamento. Até meados dos anos 70, em Brasília não existiam semáforos. Não eram necessários. A temperatura média era de cerca de 24 graus no verão e de vinte graus no inverno. No verão, no decorrer do dia, alguém que tomasse um avião no Rio, a quarenta graus, desembarcava em Brasília com uma temperatura de 30 graus. Nessa época do ano, havia quase sempre uma diferença de 10 graus entre as duas cidades. Hoje, às vezes, faz mais calor em Brasília que no Rio e ainda há quem diga, mesmo nesta cidade, que o aquecimento climático é uma mistificação de ecologistas desocupados...

Em 1972, fui convidado para visitar as principais universidades dos Estados Unidos a fim de discutir eventuais acordos de cooperação com a Universidade de Brasília. Em Minneapolis, depois de três dias, numa reunião de síntese com o diretor e o conjunto de professores da Faculdade de Comunicação local, declarei estar impressionado com a qualidade dos programas que acabara de conhecer, mas acentuei, enfaticamente, que dificilmente tomaria a iniciativa de enviar algum de meus colegas da UnB para fazer um dou-

torado ali. Chocado, o diretor me perguntou o porquê desta decisão. A temperatura local naquele momento em Saint Paul de Minneapolis era de pelo menos 25 graus abaixo de zero e a população, com o famoso fator vento, sentia como se fosse de 35 graus negativos. Expliquei qual era a temperatura média em Brasília. Todos compreenderam onde estava o problema...

Em Brasília, considerava-se que não existiam problemas de segurança. Crianças podiam brincar com seus amigos nas áreas verdes que estavam à sua disposição. As mulheres podiam sair sós à noite e voltar tarde sempre desacompanhadas, Hoje, já não é o caso. Segundo se sabe, até mesmo os estacionamentos da UnB tornaram-se perigosos. Brasília atraiu pessoas de todo o Brasil e também muitos estrangeiros, sem se notar, naquela fase inicial, problema algum de coexistência entre habitantes provenientes de regiões as mais diversas. A população de origem árabe, particularmente oriunda do Líbano, da Síria, e da Palestina era significativa. O engenheiro que construiu minha casa na Península Norte, chama-se Brasil Helou, o reitor da Universidade de Brasília de 1971 a 1976 era Amadeu Cury, o presidente da Associação Comercial também era de origem libanesa. Na década de 70, Brasil Helou construiu uma mesquita financiada pela Arábia Saudita, no setor norte da cidade. Na mesma área, há uma sinagoga. O assentamento judaico não era muito visível, mas na verdade, era importante. Em Brasília, o diálogo de civilizações era parte da normalidade da cidade.

A experiência da Universidade de Brasília mostrou que para os jovens, também, a cidade era atrativa. Por lei, a Universidade, tivesse ou não lugar disponível era obrigada a matricular funcionários ou seus parentes transferidos para Brasília de outras cidades, inclusive do Rio de Janeiro. Todo ano, muitos se beneficiavam deste dispositivo, o que era um elemento complicador para os administradores da UnB. Os funcionários chegavam a Brasília trazendo seus filhos e esposas, muitas delas estudantes universitárias também. Mais tarde, quando muitos deles eram de novo transferidos seja para a cidade de origem, seja para outros locais, os filhos preferiam permanecer em Brasília, principalmente para não perderem a vaga na UnB.

A primeira escola primária de Brasília foi inaugurada em outubro de 1957, em Candangolândia, um acampamento para trabalhadores que construíram a cidade. Desde o início, colocou-se como objetivo que o nível da educação básica na capital deveria ser alto. Foi o educador Anísio Teixeira quem lançou o conceito de escolas-parque, onde os alunos seguiam, pela manhã, cursos clássicos e, na parte da tarde, participavam de atividades que podiam selecionar em acordo com suas tendências e motivações. **O nível do ensino público na década de 70 era, em geral, considerado muito bom.** Meus dois primeiros filhos fizeram o curso primário na Escola Normal de Brasília. Chegando à França em 1981, foram matriculados no Colégio Internacional de Sèvres. A diretora exigiu que fossem sub-

metidos a um teste de conhecimento. Ficou surpresa com os resultados considerados excelentes. Em suma, constatou que o nível de aprendizagem dos meninos, pelo menos da Escola Normal de Brasília, não era em nada inferior ao das crianças de uma área privilegiada da região parisiense.

Lúcio Costa estimava que o conceito de superquadra deixaria de ter significado, se elementos complementares não fossem a ele adicionados. Para a validade da proposta, fazia-se necessária a instalação de escolas, de um clube de lazer, esportes e jogos para a vizinhança, de um centro de saúde, de lojas locais, incluídos aí a padaria, a lavanderia, supermercados, açougues, bistrôs, restaurantes etc. Aqueles que analisam o estado atual da cidade, em 2015, indagam justamente onde e como estas ideias se perderam. Não tenho condições de fazer uma análise detalhada da questão. Noto, no entanto, que as críticas são virulentas no que diz respeito aos serviços públicos. Há que se notar um dado positivo: existe sempre uma movimentada área comercial vizinha às superquadras.

UMA CIDADE QUE SURGE DO NADA

Obviamente, todos sabem ou pelo menos ouviram falar que Brasília é uma cidade que surgiu do nada no final dos anos cinquenta e que foi inaugurada no dia 21 de abril de 1960. Todos podem se informar, sem muita dificuldade, sobre a situação atual da cidade transformada em uma grande metrópole com problemas de trânsito, de violência, de serviços públicos ineficientes, de exclusão, semelhantes aos da maioria das grandes cidades do mundo e especialmente do Brasil.

No entanto, os construtores da capital brasileira tinham projetado uma cidade jardim que pareceria surgir de uma floresta e dispo de um plano para seus edifícios que favoreceriam a existência de uma espécie de microclima nas quadras. Esta cidade deve seu sucesso a uma determinada organização do espaço, mas, pouco a pouco, a especulação imobiliária pôs em questão o plano inicial e é daí principalmente que surgem as principais dificuldades atuais. Voltaremos a esta questão.

O plano piloto, que todos conhecem, é a área nobre da cidade e seus limites coincidem com os do Distrito Federal. Nos anos sessenta, como nos anos setenta, era muito comum para qualquer um encontrar ministros e outras autoridades em supermercados e em restaurantes que, ao contrário de hoje, não eram muito numerosos na época. As autoridades viviam em belíssimas residências que os ministérios tinham construído na Península dos Ministros, à beira do Lago Paranoá, ligada ao centro da cidade pela primeira ponte edificada sobre o lago artificial. A situação era tranquila e as autoridades podiam fazer “jogging” ou andar de bicicleta sem serem importunadas.

As superquadras foram concebidas como espaço aberto. Os edifícios tinham 5 ou 6 andares, foram construídos sobre pilotis que deixavam o ar circular e criavam uma sensação de abertura, rara nas cidades tradicionais. Em outras palavras, no piso térreo não havia paredes, nem espaços fechados. Entre os edifícios, previam-se verdadeiros jardins (na década de sessenta, os trabalhos de urbanização não tinham sido completados, em lugar dos jardins havia muita terra, muito barro). Entre as quadras, tinha sido planejada a existência de lojas, onde os moradores poderiam encontrar o essencial para a sobrevivência de uma família. Como já assinalado, espaços também eram reservados, entre as quadras, para a construção de escolas, de modo a permitir que as crianças se deslocassem a pé para ir estudar.

Para encorajar os funcionários a instalar-se em Brasília, deixando suas cidades de origem, em particular o Rio de Janeiro, o governo federal lhes concedeu uma “dobradinha”, ou seja, uma gratificação equivalente a seu salário. Em outras palavras, recebiam, na prática, o dobro de seu salário nas cidades de origem. A essa vantagem, adicionavam-se facilidades para se obter um apartamento e financiamento mais tarde para a compra de um carro. Alguns serviços, como telefone local eram gratuitos. Isto durou até o início dos anos setenta. De “orelhões” instalados em toda a parte, os cidadãos podiam se comunicar com qualquer pessoa no Distrito Federal, bastando, para isso, ligar os aparelhos postos à disposição do público.

A cidade, inicialmente, especialmente na década de sessenta, era limitada na área do lazer e, à noite, o número de pessoas que se reuniam para jogar cartas na residência de um ou de outro era de impressionar. Mas, desde o início, clubes de lazer foram construídos, a maioria à beira do lago, destinados a categorias especiais como a dos funcionários do Congresso, jornalistas, militares, funcionários do Banco do Brasil etc. Tornou-se, então, para os moradores de classe média mais fácil praticar esportes em Brasília do que em qualquer outra grande aglomeração brasileira.

UMA UNIVERSIDADE CIDADÃ

Em 1962, insistamos neste ponto, desde sua abertura, a UnB –Universidade de Brasília- desenvolveu programas considerados progressistas com o objetivo de formar cidadãos, não se limitando a treinar técnicos ou formar consumidores. A universidade criada por Darcy Ribeiro, ocupava um espaço enorme dentro do Plano Piloto, às margens do lago, no início da Asa Norte. Desde o início, deu a todos, na cidade, a oportunidade de obter uma formação de alto nível ou mesmo de obter uma segunda formação. Isto sem contar com o desenvolvimento de uma forte atividade de extensão, com cursos fornecidos à noite, e que beneficiavam funcionários que preferiam melhorar sua qualificação do que jogar cartas...

Em seu início de vida, em lugar de quatro, Brasília dispunha de duas estações bem distintas: a das chuvas (setembro a março) e a seca (final de março a início de setembro). Lembro-me de que, em 1963, do gabinete do ministro da educação, podia-se apreciar o grande espetáculo de redemoinhos de poeira avermelhada, lançada e espalhada pelos ventos. Saia-se de casa pela manhã com uma camisa branca, ao meio-dia ela já estava amarela ou mesmo vermelha...

Viver em Brasília, no final da estação seca no final de agosto, início de setembro, era extraordinariamente penível, às vezes desagradável. Lembro-me de um dia, nos anos setenta, quando tive de interromper um curso após meia hora de aula. Os estudantes estavam nervosos, agitados, expressando todos o desconforto que os atingia. Tinha-se que beber muita água para sobreviver à seca. Os jardins secavam, os gramados verdejantes tornavam-se marrons, parecia que tudo estava morto. No entanto, em setembro, três dias após a primeira grande chuva, o verde reaparecia com força total. Era uma verdadeira ressurreição.

Em 1963, durante a minha primeira estadia em Brasília, havia apenas duas superquadras totalmente urbanizadas. Eram as que tinham sido construídas pelo Banco do Brasil na Asa Sul, uma delas a 114, uma das melhores. A Asa Norte tinha o aspecto de savana ou cerrado, muitas das construções, sobretudo as comerciais na Avenida W-3 Norte, eram, até o início dos anos setenta, de madeira. Parecia filme de far-west. Na Asa Sul, entre a Avenida L-2 e o lago, os planejadores previram a existência de um setor nobre, o diplomático. No início, poucos países ocuparam o espaço que lhes fora reservado. Os diplomatas estrangeiros não tinham pressa alguma em deixar o Rio, onde países como a França e os Estados Unidos tinham suas embaixadas instaladas no centro, em edifícios magníficos, situados em frente à Baía de Guanabara, e os diplomatas viviam confortavelmente na zona sul carioca...

No início dos anos setenta, o governo brasileiro, através do chanceler Magalhães Pinto, lançou um ultimatum. As representações diplomáticas que, num espaço de tempo bastante curto, não tivessem sido transferidas para Brasília perderiam todas suas imunidades. No dia marcado, os embaixadores estavam todos em Brasília, em lugares também bonitos. A Embaixada da França, por exemplo, ocupa uma grande área com um complexo de edifícios atribuídos a Le Corbusier, mas que, na realidade, foram projetados por um arquiteto catalão que se inspirou, é verdade, em desenhos corbusianos. Em 1970, recebemos, na UnB, a visita do Prof. Abraham Moles, um grande especialista da comunicação e arquitetura da Universidade de Estrasburgo, que, depois de visitar o setor diplomático, disse: "Eu vou voltar e fotografar todos esses prédios para um teste com meus alunos. Presumo que, depois de ver a foto dos edifícios, eles vão ser capazes de identificar que países cada um deles abriga". Segundo o Professor Moles, a diversidade dos edifícios correspondia à diferença entre os países. Sem má intenção alguma, observo que o Professor Moles identificou, sem dificuldade alguma, a Embaixada da República Federal da Alemanha, um magnífico edifício que lembra imediatamente um "bunker"...

Mesmo no início dos anos 70, a cidade ainda estava em construção. Quando foi inaugurada, em 1960, os ministérios estavam prontos assim como as sedes da Presidência e do Parlamento, mas o essencial ainda estava por se fazer. O sonho dos construtores, especialmente de Niemeyer, era criar uma cidade democrática. Em um mesmo edifício, coabitariam funcionários de alto escalão, diretores de unidades administrativas por exemplo, com vizinhos mais humildes, os contínuos. A realidade foi mais forte que o sonho e, logo, os servidores dos escalões inferiores venderam seus apartamentos e se mudaram para as cidades satélites, onde se juntaram a imigrantes e ex-trabalhadores que construíram a cidade. Esperava-se que estes retornassem a suas regiões, o que, de fato, jamais ocorreu.

Desta forma, desde o início, a cidade real seguiu o modelo do conjunto do país: uma área reservada para os mais favorecidos, com serviços públicos de qualidade, e bairros afastados ocupados pelo menos afortunados, setores que, logo, transformaram-se em verdadeiros guetos. A renda per capita em Brasília é bastante elevada, a do Plano Piloto situa-se entre as primeiras do país, mas este fato revela simplesmente que a diferença entre o nível de vida de um grupo de funcionários do projeto-piloto e o de moradores de cidades satélites é também um dos mais significativos do país.

A CIDADE NA FLORESTA

Lúcio Costa, o urbanista de Brasília, dizia desejar criar um espaço onde os edifícios pareceriam sair de uma floresta. Em que medida este voto tornou-se realidade?

Uma pesquisadora da Universidade de Brasília, Adriana Bustos Marta Romero, comparou a situação de duas superquadras vizinhas, a 308 e a 309 da Asa Norte, descobrindo que, entre elas, havia uma diferença de temperatura de 2 a 5 graus. A 308, construída no início dos anos 70, respeitou o plano original de Lúcio Costa e manteve a idéia de pilotis livres. O espaço entre os edifícios é importante, o número de apartamentos por edifício é reduzido, no centro da Superquadra há um vasto espaço verde com árvores. Na 309, os edifícios são mais próximos uns dos outros, o número de apartamentos por edifício é maior, o ar não circula da mesma forma, o calor acumula-se e logo, os moradores dos apartamentos se viram obrigados a instalarem aparelhos de ar condicionado.

Em seus estudos, a pesquisadora revela que hoje, quando se examina o conjunto da cidade, observa-se que 40% dos edifícios não aplicam as diretrizes do Plano Piloto de Lúcio Costa e, em particular, os espaços entre os pilotis, que deveria permanecer livre e aberto, é ocupado por construções destinadas à guarda de bicicletas, ao trabalho dos porteiros, a salões de festas e até a estacionamentos. Os pedestres já não dispõem da possibilidade de circular livremente ali. **O espaço público foi privatizado.** Em 1998, o

Código de Obras de Brasília aumentou a largura máxima de blocos residenciais de 12,5 a 18,5 metros, os edifícios que eram limitados a 48 unidades passaram a 96. Em muitas quadras, as árvores foram substituídas por plantas ornamentais muito menores e o resultado é que há menos sombra e, em consequência, menor atenuação do calor e da poluição.

Em novembro de 2014, voltei a Brasília, ficando hospedado com um de meus irmãos que vive, há quatro ou cinco décadas, na Asa Sul, na Superquadra 210. Quando ele se instalou neste apartamento, havia uma vista muito ampla podendo-se ver o lago Paranoá e, mais além, o aeroporto. Na década de 70, um avião foi sequestrado e, de apartamento de meu irmão, podia-se ver o avião bloqueado numa das pistas do aeroporto. Nesta minha volta a Brasília, em 2014, duas coisas particularmente me impressionaram:

- A exuberância da vegetação no interior da superquadra. Viam-se árvores frutíferas de diversas espécies, inclusive mangueiras e jaqueiras carregadas de frutas ainda verdes.

- Das janelas do apartamento, podia-se ainda avistar o lago, mas, no meio da vegetação abundante. As árvores cresceram e aí sim podia-se ter a impressão de que a cidade emergia da floresta, como havia sonhado o urbanista Lúcio Costa.

Esta impressão é confirmada pelos dados que mostram que em Brasília contam-se:

- 150 milhões de metros quadrados de áreas verdes;
- 5 milhões de árvores;
- 150 mil árvores plantadas a cada ano;
- mil jardineiros;
- 20 caminhões cisternas para a irrigação diária;
- 700 rotundas.

Foi o governador Cristovam Buarque, um antigo reitor da Universidade de Brasília, quem instalou essas rotundas floridas e é também graças a ele que Brasília tornou-se uma das cidades latino-americanas onde os carros respeitam os pedestres. Este resultado foi obtido com a combinação eficaz da utilização dos meios de comunicação de massa para conscientizar a população e uma política de repressão rigorosa contra motoristas que não respeitam as passagens marcadas para os pedestres.

PATRIMÔNIO MUNDIAL

A cidade foi sempre considerada como uma obra-prima da arquitetura moderna, o que justificou a decisão da UNESCO de incluí-la na lista do Patrimônio Mundial da Humanidade, em 1987. Na época, eu era diretor da Divisão de Ensino Superior da UNESCO, em Paris, tinha boa relação pessoal com o governador José Aparecido de Oliveira que me contatou para iniciar o processo de reconhecimento de Brasília como patrimônio mundial. Não era minha área de atuação. Limitei-me a colocar membros da equipe de José Aparecido em contato com colegas do Setor de Cultura da UNESCO.

As características essenciais de Brasília são amplamente conhecidas. O autor do plano piloto foi Lucio Costa, que deu à cidade a forma de um avião, rodeado por um lago artificial, o Paranoá. A cidade é dividida em diferentes setores: administrativo do governo federal, administrativo do Distrito Federal, residencial, comercial, bancário, militar, hoteleiro, industrial, esportivo e de lazer e a Universidade de Brasília. Áreas residenciais foram projetadas para serem funcionais e autossuficientes, com unidades comerciais, escolas, parques e igrejas.

Os principais edifícios foram projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer: a Catedral, a Biblioteca Nacional, o Teatro Nacional, o Congresso Nacional (Câmara dos Deputados e Senado), o Ministério das Relações Exteriores, o Supremo Tribunal Federal, os Palácios da Presidência, O Instituto Central de Ciências da UnB, conhecido popularmente como “minhocão”, dado o seu tamanho e sua extensão. Os poderes judiciário, executivo e legislativo são agrupados ao redor da Praça dos Três Poderes. Como Lucio Costa permaneceu no Rio e só ia a Brasília de vez em quando durante a construção, foi Niemeyer quem assumiu também a gestão prática da urbanização. Por isso, quando se fala de Brasília é o nome de Niemeyer que aparece em primeiro lugar.

A cidade é organizada em torno de dois eixos perpendiculares: o Eixo Monumental e Eixo rodoviário, o primeiro na direção leste-oeste corta a cidade em duas partes simétricas. Alguns argentinos dizem que a monumental e bela Avenida 9 de Julio, em Buenos Aires, com 140 metros de largura, é a avenida mais larga do mundo. O livro Guinness dos recordes tem outro ponto de vista. Diz que este recorde pertence ao “Eixo monumental” de Brasília, com seus 16 km de comprimento e 250 m de largura. Este eixo monumental lembra a fuselagem de um avião. A Praça dos Três Poderes e a Esplanada dos Ministérios estão localizada numa de suas extremidades.

O Eixo rodoviário cruza a cidade de norte a sul. Representa as asas de um avião. A Asa Sul e Asa Norte se compõem de superquadras situadas ao longo do eixo. Tudo isto é enorme. O eixo rodoviário central que tem três vias em cada sentido é acessível a partir dos eixos secundários que os brasilienses chamam de eixinhos. O Eixão (eixo rodoviário) permite cruzar o Eixo monumental sob um túnel, passando-se da Asa Sul para a Asa Norte. Foi concebido para servir exclusivamente à circulação de veículos, passagens subterrâneas foram instaladas para a travessia de pedestres, mas parece que, hoje, muitas delas são ocupadas por pessoas sem abrigo fixo, o que leva os pedestres a atravessar esta via sem nenhuma proteção. Dois outros eixos cruzam de norte ao sul o plano piloto. São a W3 e a L2. Em suas margens, estes eixos tinham inicialmente lojas e residências. Mais tarde, especialmente na L-2, ali se instalaram clínicas, faculdades e escolas. No cruzamento dos dois eixos principais, o rodoviário e o monumental, encontra-se a rodoviária para os ônibus, mas ali se instalou também a estação central de metrô. Apesar da existência do metrô, que entrou em serviço na década de 1990, os transportes públicos são ainda considerados insuficientes.

O número de habitantes, como já assinalado, aumentou muito mais que o previsto. As cidades satélites se multiplicaram, algumas sem qualquer forma de planejamento. Foram, em grande parte pelo menos, resultado da vontade demagógica de alguns políticos de deslocar para a periferia de Brasília habitantes provenientes de setores desfavorecidos do país. A intenção clara era a de aumentar o curral eleitoral destes políticos, trazendo eleitores que lhes seriam fieis até o final da vida.

A rede rodoviária no Brasil era considerada insuficiente, afirmação que é válida ainda nos dias de hoje. Mas, até o final dos anos anos cinquenta, antes de Kubitschek, o presidente que decidiu criar Brasília, uma cidade da importância de Belo Horizonte, a terceira do país em população, não era sequer ligada a Rio ou São Paulo por uma estrada pavimentada. Após a construção de Brasília, novas estradas foram traçadas: Brasília-Cuiabá, Fortaleza-Brasília, Brasília-Salvador, iniciativas que provocaram uma dinâmica extraordinária. Quando Kubitschek anunciou a abertura da rodovia Belém-Brasília na Amazônia, Carlos Lacerda, o derrubador de presidentes, disse que a estrada iria ligar "o nada com coisa nenhuma". Hoje, milhares de carros usam esta estrada e muitas novas cidades surgiram em lugares onde, em 1960, havia apenas o cerrado ou a floresta.

Brasília também provocou um desenvolvimento das telecomunicações, considerado naquela época totalmente inesperado. Na véspera da inauguração da capital, Gustavo Corção, um engenheiro do Rio de Janeiro, muito conhecido sobretudo como escritor, autor do best-seller “Tres alqueires e uma vaca”, escreveu artigos violentos contra Brasília, contra Kubitschek, contra a idéia da transferência da capital. Em um de seus textos mais virulentos, afirmou que Brasília permaneceria isolada, que não se poderia administrar o país a partir da nova capital porque as comunicações seriam impossíveis. Na véspera da inauguração, um repórter de um jornal popular que apoiou a transferência, “Última Hora”, chamou Gustavo Corção pelo telefone e pediu-lhe para confirmar que a comunicação com Brasília seria impossível. Corção empolgou-se e confirmou sua opinião.

- O senhor sabe de onde eu o chamo, indagou o jornalista? Estou falando desde nossa sucursal em Brasília. Então: a comunicação funciona, sim ou não?

Ignoro qual tenha sido a reação de Corção, alguém que, segundo constava, não era pessoa de bons humores. O que se sabe é que esta conversa entrou para a história de Brasília.

SONHO, MITO OU PESADELO?

O início dos anos sessenta foi um tempo de sonhos e ilusões, o país debatia as reformas de base que iriam modernizar o país ao mesmo tempo que se consolidaria a democracia. Em 1964, um golpe militar estabeleceu uma ditadura que durou 25 anos. Ela sufocou da Universidade de Brasília, alguns quiseram fechá-la. Mudou a orientação do plano piloto e a cidade começou a se afastar inexoravelmente de seu projeto inicial. O aeroporto da cidade é um exemplo típico desta mudança. O projecto de Niemeyer foi abandonado em favor de um monstrengo concebido por um arquiteto militar.

No início dos anos 70, a preocupação de Brasília era de se afirmar como cidade e como capital. Naquela época, a taxa de crescimento da cidade era da ordem de 10% ao ano. Com a transferência de todos os ministérios, das administrações do governo federal e, além disso, do corpo diplomático, Brasília tornou-se de fato uma cidade e uma capital.

Tudo isto poderia ser parte do sonho, mas os pesadelos estavam lá e em grande número. O caso da Universidade de Brasília é emblemático a este respeito. Em 1964 e em 1968, a universidade foi ocupada por forças militares, laboratórios foram destruídos, professores foram demitidos, estudantes perseguidos e seu líder, Honestino Guimarães, foi eliminado. Seu corpo, até hoje, não foi localizado.



macy's
TECIDOS

Em 2012, como parte da comemoração do 50º aniversário de criação da UnB, solicitaram-me que escrevesse um livro de depoimento sobre os anos setenta. O título do livro é “UnB e Comunicação nos anos 70 - Acordo tácito, Repressão e Credibilidade Acadêmica”, publicado em 2013 pela Editora da UnB.

Era um período de contradições. No interior desta instituição, estabeleceu-se um acordo tácito. Professores competentes foram recrutados, apesar do passado político comprometedor de muito deles aos olhos das autoridades militares. O acordo permitiu o rápido desenvolvimento de disciplinas como Economia, Geologia, Arquitetura e Comunicação.

44

Mas a instituição não era democrática. Funcionava sob tutela e era controlada por elementos vinculados aos órgãos de repressão. Quem se atrevia a exceder os limites toleráveis era eliminado. Até 1976, um certo equilíbrio se manteve, mas, a partir desta data, a instituição sofreu uma repressão em grande escala, professores foram novamente punidos, dezenas de estudantes foram expulsos e, em 1977, as forças militares e policiais, mais uma vez ocuparam a universidade. Tudo estava sujeito aos princípios da doutrina de segurança nacional, importada dos Estados Unidos, mas com sua aplicação no Brasil tendo sofrido a influência francesa de militares que tinham se notabilizado nas guerras da Argélia e da Indochina. Por volta de 1973, o governo Pompidou enviou a Brasília, como adido militar, o General Paul Aussaresses, conhecido como grande

torturador durante a guerra da Argélia, morto em 2013 aos 95 anos, depois de ter sido rejeitado por suas três filhas. Antes de morrer, ele se orgulhou publicamente de ter transmitido a militares latino-americanos suas técnicas anti-subversivas.

O Estado, segundo os partidários da doutrina de segurança nacional, deve difundir uma ideologia antissubversiva, mas, antes, prioritariamente, deve identificar os inimigos internos, capazes de propagar uma ideologia hostil ao poder estabelecido. Para descobri-los, vale tudo, em especial a prática de atos arbitrários, entre eles incluídas a censura e a tortura. O importante é eliminar aqueles que são favoráveis à subversão: elementos ativos e seus eventuais colaboradores, em particular os que, com sua ação, pudessem ter um efeito multiplicador. No caso brasileiro, isso provocou a perseguição de professores e de estudantes, assim como de membros do clero envolvidos em lutas sociais. Existia, na opinião dos adeptos da doutrina de segurança nacional, um estado permanente de guerra isto justificava a adoção de medidas duras e o estabelecimento do “estado de segurança nacional”.

A repressão a tudo o que pudesse deixar pensar que a Universidade de Brasília iria continuar a agir no espírito dos seus fundadores e colaboraria com o retorno da democracia, funcionou de maneira permanente de 1976 até a restauração da democracia em 1985. A falta de visão social, a não-observância dos princípios essenciais do plano piloto do Distrito Federal abriu caminho à comercialização das construções e dos serviços, inclusive da educação. E isto continuou mesmo após o fim do regime ditatorial. É o que leva alguns a dizerem que Brasília não é mais um sonho, que Brasília tornou-se um mito, e mesmo, em alguns casos, um pesadelo. Os motoristas presos em engarrafamentos entre o Plano Piloto e cidades satélites, especialmente no final do dia e aqueles que, no final de 2014, foram surpreendidos por uma inundação inimaginável dada a configuração da cidade estarão certamente de acordo com esta constatação.

No início desta década, sob a presidência do arquiteto Professor Geraldo Nogueira Baptista, da Universidade de Brasília, o Instituto de Arquitetos do Brasil, seção Distrito Federal, aprovou um documento estabelecendo novas regras para o planejamento em Brasília. (“Diretrizes Urbanísticas para Brasília”), com a participação de Gilson Paranhos, Gunter Roland Kolsdorf Spiller, Jorge Guilherme Francisconi José Carlos Córdoba Coutinho, Luis Alberto Cordeiro, Otto Toledo Ribas, Sonia Helena Camargo Cordeiro. A análise deste documento ultrapassa a missão que me foi dada pelos organizadores do seminário “Regards sur Brasilia”.

Pediram-me um depoimento sobre a vida em Brasília nos seus primeiros anos de existência. Por certo, não se pode falar do passado, sem olhar para o presente e imaginar o futuro. O documento dos arquitetos merece ser analisado por aqueles interessados nesta aventura humana que representou a criação e desenvolvimento de Brasília, que foi o tema deste depoimento. O sonho de Kubitschek, Niemeyer e Lúcio Costa deve ser defendido em seus valores fundamentais. Sem dúvida, adaptações à realidade atual são necessárias, como indicam os documentos de orientação do IAB-DF. É necessário tomar-se em consideração os interesses de toda a população e tentar reduzir as lacunas escandalosas entre os habitantes do Distrito Federal. É necessário que se alcance o objetivo de uma cidade sem guetos. Adaptações são necessárias e aberrações eliminadas, como defende o ex-diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, José Carlos Córdoba Coutinho.